

A POLOP NO PT: ENTRE A EXPECTATIVA E A REALIDADE (1971-1986)

Tamires Assad Nery de Brito¹

RESUMO: O texto apresenta o debate interno feito pela Organização Política Operária (POLOP) no que diz respeito ao surgimento e conseqüente aproximação com PT. Este que no final dos anos 70, se apresenta para a POLOP como uma possibilidade de por em prática seu projeto socialista, que via num partido de vanguarda, essencialmente operário, a força catalisadora da revolução. Mas, frustrada as expectativas da POLOP, ela acaba por se dissolver por completo em meio à atuação no PT. Aqui concentra um esforço de pensar quais questões levariam a POLOP a buscar uma aproximação com o PT e de que modo se pode caracterizar sua atuação dentro do Partido. É certo que a POLOP encontrou uma série de dificuldades e pensar a relação POLOP/PT, é também pensar sobre os problemas internos vividos pela Organização que refletiu no seu modo de intervenção política na sociedade, a exemplo da sua atuação no PT. Por outro lado, é também pensar nas questões conflitantes que se impuseram em espaços de disputa dentro do PT, questões que não podem ser pensadas isoladamente.

Palavras-Chaves: Política Operária; Partido dos Trabalhadores; história política do Brasil.

O presente texto é parte integrante do segundo capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “*Os últimos anos da POLOP e sua relação com o Partido os Trabalhadores: 1971-1986*”². De forma geral, tenta-se neste trabalho caracterizar o debate feito pela Organização Política Operária - também conhecida como POLOP ou PO - no que diz respeito, num primeiro momento, ao surgimento do Partido dos Trabalhadores nos anos finais da década de 70 e, num segundo momento, o conseqüente processo de atuação no mesmo. Qual o significado da emergência do PT para essa Organização? Quais questões/razões levaram a POLOP a buscar uma aproximação com o partido? Como caracterizar o processo de atuação da POLOP dentro do PT? Quais questões se colocaram a ela neste processo? Bem, são estas as nossas questões norteadoras.

A Política Operária foi uma organização política de esquerda, de orientação leninista, que existiu no período de 1961 – 1986 se apresentando com fortes críticas ao PCB. Aliás, a POLOP compõe no cenário de esquerda da época, um número pequeno de organizações que trouxe uma nova leitura de realidade brasileira e de métodos revolucionários que foram de encontro à linha *pecebista*, hegemônica até então. Ainda que numericamente pequenas essas organizações, dentre elas a POLOP, representou a quebra do monopólio pecebista e a incorporação de novos debates na esquerda acerca do processo revolucionário³. A principal diferença teórica está na leitura feita pela Organização de que o Brasil já se encontrava num estágio de desenvolvimento que

possibilitava a efetivação da revolução socialista, criticando por tanto, a leitura do PCB que fazia a defesa da necessidade de uma aliança com a burguesia nacional para cumprir a etapa democrático burguesa. Para a POLOP já caberia na sociedade brasileira a revolução e ela deveria ser socialista. Faltava agora, a tarefa de construir o Partido Revolucionário, essencialmente operário, que cumpriria a função de ser o catalisador desta revolução.

A Organização tem uma história marcada por inúmeras cisões que encontravam, muitas vezes, suas razões em questões relacionadas ao caráter da revolução, às divergências quanto à questão da luta armada, assim como, questões levantadas a respeito das atuações política e estratégias de ação, principalmente quando se tratava de estratégias para lutar contra o Regime Ditatorial. Em 1967 acontece sua primeira grande cisão, de onde nasce o POC (Partido Operário Comunista). Em 1970 a organização passa por uma nova cisão de onde outros grupos surgem, dentre eles a Organização de Combate Marxista Leninista – Política Operária (OCML-PO) que nasce em 1971 como tentativa de reorganização da POLOP, formada inicialmente em 1961. É essa organização, especificamente, que se aproxima do Partido dos Trabalhadores.

O Partido dos Trabalhadores pode ser compreendido como um “fenômeno” nacional que começa a se formar a partir do final da década de 1970. Suas articulações se iniciam em meados de 75 até 80 e, em 1981, ocorre seu primeiro encontro nacional⁴. Pensar a construção desde partido nos remete a relacioná-los a variadas realidades e diferentes formações, levando em consideração que sua construção se deu de forma quase que simultânea em diferentes regiões do país, contando em sua composição formações igualmente diferenciadas. Gomes (2007) em sua dissertação, onde discute, em especial, a formação do Partido dos Trabalhadores em Feira de Santana-BA, faz crítica a uma leitura generalizante sobre a formação do PT, em que a partir da construção de um “mito fundador⁵” construiu em torno da formação do partido nascido das greves do ABC paulista uma leitura única de sua formação, não considerando as particularidades de formação deste partido em outras localidades do Brasil. É certo que a formação petista desenvolvida a partir das greves no ABC paulista ganhou grande centralidade, mas não pode de forma alguma ser vista como narrativa única para explicar a formação deste partido.

O PT surge neste período com grande força, sendo “sinônimo de bases mobilizadoras e greves”⁶ se apresentando como novidade política e vista pela POLOP do mesmo modo. Aliás, não apenas da POLOP. Gomes⁷ demonstra em sua dissertação que varias organizações se aproximaram do novo partido, a exemplo da AP – ML (Ação

Popular- Marxista Leninista), que tem sua origem na JUC (Juventude Universitária Católica), e que da mesma forma que a POLOP, acreditava na revolução socialista e via na formação de um partido “de novo tipo” - um partido proletário – os rumos da revolução brasileira. E por isso, também como a PO, encarava o PT como a chance de pôr em ação esse projeto político.

NASCE UM PARTIDO E UMA ESPERANÇA: PRIMEIROS DEBATES SOBRE O PT

O surgimento do PT significou para a esquerda brasileira do final da década de 70 e início da década de 80, uma ferramenta derivada da ascensão do movimento de trabalhadores brasileiros, que em São Paulo ganhou voz pelo movimento operário. Um partido que se apresentou como uma proposta classista nova, um partido dos trabalhadores para os trabalhadores, um partido nascido de suas próprias lutas⁸.

Alguns documentos da POLOP como um titulado de “Como o PT deve ajudar o movimento dos trabalhadores”, utilizados para discussão interna, demonstram o interesse da POLOP no novo partido:

“... até hoje, a classe operária e os demais trabalhadores não possuíram um partido à altura de suas necessidades e de seus interesses. O PT surge como um grito de INDEPENDÊNCIA... por isso, o PT deve responder aos nossos problemas, deve se organizar para alcançar nossos objetivos imediatos e futuros... o problema está no baixo nível de consciência das classes exploradas que nunca tiveram um Partido que pudesse ajudá-las na luta por seus interesses próprios. E ESSE É O PAPEL HISTÓRICO QUE O PT DEVE CUMPRIR...”⁹

Essa independência de classe mencionada no documento, está diretamente relacionada a existência do Partido Revolucionário defendido pela Organização. Não que o PT neste momento fosse o Partido Revolucionário pelas premissas leninistas, mas o que se coloca para a POLOP é ver neste fenômeno novo que é o PT, a possibilidade de construí-lo.

O Partido Revolucionário é de fundamental importância no projeto de revolução socialista pretendido pela POLOP, pois seria ele o catalisador da própria revolução.

Em Lênin (1979) existe diferenciação entre um partido de massas, um partido de classe e finalmente o partido revolucionário. Podemos dizer que esta diferenciação se encontra nos “estágios” de desenvolvimento do processo de tomada de consciência, sendo que o que move esse processo são as experiências de lutas dos trabalhadores.

Assim estaria atrelada a luta revolucionária duas dimensões: a luta econômica e a luta política. A luta econômica representa apenas a luta sindical, a luta profissional em que os trabalhadores buscam por melhores condições de trabalho, sem, contudo representar uma ameaça à ordem do sistema capitalista, mas sim prevê algumas reformas que acabaria por legitimar o modelo capitalista de organização social. Entretanto, Lênin¹⁰ afirma a importância da luta política, pois seria através das experiências dessas lutas, o meio de se chegar à luta política, que seria a luta que englobaria questões maiores, a mudança radical da ordem social.

A importância da luta econômica estaria justamente em, através da denúncias das condições de trabalho, despertar a consciência de classe fazendo com que a classe operária se perceba enquanto explorada, ainda que isso não seja o suficiente para que a revolução aconteça. E aqui se coloca na teoria de Lênin a importância dos intelectuais que compõem a uma organização marxista leninista, em que caberia a função de desenvolver a consciência, que se encontra ainda de forma embrionária pelas experiências de lutas econômicas, ajudando na construção do Partido Revolucionário que cumpriria a função de direção política revolucionária. Voltaremos a esta questão mais adiante. O importante aqui é perceber que neste primeiro momento o PT pareceu à POLOP um partido de classe e da classe operária, o que mais tarde no contexto de atuação dentro do partido será questionado, e que caberia a ela desempenhar sua função de orientar a construção do partido revolucionário. A Organização tomava como tarefa para si, compartilhando da análise de Lênin, em direcionar as experiências de lutas econômicas para construir o Partido. E essa é dentre outras, talvez a principal razão pela qual ela busque se aproximar do PT.

No momento de surgimento do PT, podemos perceber uma grande expectativa depositada pela POLOP no novo partido, ainda em meio às primeiras especulações sobre a sua formação. Percebemos essa expectativa num documento escrito por Eric Sachs, principal teórico desta segunda fase da Organização.

“o surgimento do PT mudou a situação e colocou o problema da formação do partido revolucionário em uma perspectiva mais concreta. Não é que o PT já seja o Partido Revolucionário, ou que já esteja às vésperas de sua transformação em semelhante partido. Mas o PT, produto legítimo das lutas de classe no país, ofereceu-se como instrumento indicado para levar avante o processo de amadurecimento e organização política da classe”¹¹

O PT é visto como grande impulso das lutas sociais. O momento “ideal” de alavancar o processo de amadurecimento da classe operária necessária para a existência

do Partido Revolucionário. O trabalho, neste momento, era de direcionar a construção deste partido. Essa era a tarefa da Organização e de seus intelectuais.

Para além da possibilidade de construção do Partido Revolucionário podemos identificar alguns outros fatores de aproximação entre a POLOP e o PT. Podemos entender que a aproximação com o Partido dos Trabalhadores seria uma forma de tentar resolver o problema do distanciamento com a classe operária que acompanhou a Organização desde a sua fundação em 1961¹².

Outros fatores que serviram de motivação neste processo de aproximação dizem respeito, em especial, as “lutas econômicas” travadas pelo PT no contexto de seu surgimento. Uma luta que toma dimensão importante foi a grande oposição ao sindicalismo tradicional, em que eram frequentes as acusações ao PCB de terem uma política reformista. A POLOP defendia a autonomia e a liberdade sindical. O PT, nos anos finais da década 70 e anos iniciais da década de 80, também surge como grande crítica deste sindicalismo tradicional e por tanto, apresentando pontos comuns com POLOP.

Questões como a luta contra o Regime Militar, a ideia de independência de classe, a ideia de ver nas massas a protagonista da Revolução Socialista, a valorização de uma atividade de base e também a defesa, de ambas, pela luta contra a superexploração do trabalho, diretamente ligada com luta contra o imperialismo e seus efeitos, foram fatores que também contribuíram nesta aproximação.

ATUAÇÃO NO PARTIDO DOS TRABALHADORES

Como vimos o fenômeno PT surge no final dos anos 70 e início dos 80, em todo o Brasil como grande força mobilizadora. Sua maior concentração se firmou nos movimentos grevistas que ocorreram no ABC paulista, mais especificamente das greves metalúrgicas de São Bernardo, e foi com essa formação petista que a OCML-PO manteve um contato mais próximo. Vimos também como ele representou algo essencialmente novo no contexto de abertura política. Mais recentemente tem se priorizado a discussão em torno da existência de uma heterogeneidade que compõem o espaço interno do partido.

Coelho¹³, a exemplo, demonstra como a história de construção deste partido se confunde com a história de construção de um grupo hegemônico (a chamada Articulação) que comandava a direção do partido em contraposição a vários outros grupos que estariam presentes neste momento de fundação, e por tanto mostra como o

partido também se configurava num campo de disputa. Ora, o PT foi polo de atração não só da POLOP como já mencionado anteriormente, mas também de tantas outras organizações clandestinas, militantes de movimentos populares e tantos outros sujeitos de vários setores daquela sociedade. Um verdadeiro polo de atração. *Sendo assim, diante dessa pluralidade, qual projeto de partido seria, afinal, viabilizado?*¹⁴. Essa era a questão responsável pelas maiores divergências entre esses diferentes setores da classe trabalhadora que se encontrava dentro deste novo partido em todo o Brasil.

A consolidação da Articulação como grupo dirigente hegemônico, trouxe a construção do discurso de “petistas autênticos”, o que gerava certa resistência a grupos de esquerda vindos “de fora”. Fator que provavelmente acarretara a POLOP certa desvantagem, já que o núcleo “polopista” era pequeno numericamente. Isso na prática de disputas dentro do Partido já se configurava numa imediata dificuldade para a POLOP. Isso somada às diferenças quanto às estratégias de ação destes diferentes grupos constituíram questões, que como já foi dita, acentuava as diferenças dentro dessa formação política e que podem ter determinado o raio de atuação dos diferentes grupos que constituíam o partido dentro do mesmo.

Demier¹⁵ também salienta essa heterogeneidade do PT, e de como desde o início ele se configurou como a construção de um partido em disputa. Um partido dividido pela disputa de dois projetos políticos distintos: um projeto reformista e um projeto revolucionário. Neste sentido, diz o autor, talvez a melhor caracterização para o PT, desde a sua gênese, seja a de um partido centrista, um partido que possuía internamente elementos revolucionários e não- revolucionários que almejavam seu controle político-programático; dependendo da correlação de forças entre esses elementos¹⁶.

No contexto de atuação nos é apresentado um outro olhar da POLOP em relação ao PT. Embora a Organização criasse expectativa desde o início de que o PT poderia se constituir, primeiro como o Partido Classista e depois o tão idealizado Partido Revolucionário, os documentos mostram que essa ideia começa num determinado tempo, a ser questionada. E coloca diante da POLOP a necessidade de repensar o que o PT estava significando naquele momento. A questão que se impôs foi: o PT supera a necessidade de uma Organização Revolucionária? O PT está ou estará em condições de exercer o papel de um Partido Revolucionário?

A POLOP avaliou que naquele momento não.

“o programa do partido tem seu conteúdo ainda limitado pela experiência de luta política recente da classe operária, tal qual foi absorvida por esta liderança (o grupo da articulação), ou seja, de

forma mais ou menos empírica, mais ou menos programática. O Programa não avança além de reivindicações parciais, que não chegam a colocar em risco a ordem capitalista.¹⁷”

Ou seja, para a POLOP o programa político que o PT possuía não era de conteúdo anticapitalista, mas que respondia as principais lutas por melhores condições de trabalhos, lutas imediatas que não continha um caráter revolucionário. Os pontos de reivindicações que constavam no programa do PT, de acordo com a POLOP, era a liberdade de organização sindical e partidária; o desmantelamento dos órgãos de repressão política e fim da legislação de exceção; combate à política salarial; luta por melhores condições de vida; reforma agrária e o apoio ao movimento de mulheres, negros e índios.

A avaliação feita pela POLOP era de que o PT tinha

“uma simpatia socialista, expressa em textos e discursos da liderança, mas está longe de ser comprometida em todas as suas conseqüências: a necessidade da destruição do Estado Burguês, da implementação da ditadura do proletariado, da socialização dos meios de produção, para não falar da insurreição e dos aspectos internacionais da revolução socialista ... da forma com que foi criado e se desenvolve, o PT não se caracteriza como um partido de vanguarda, onde a discussão ideológica pudesse vir a ser elemento fundamental em sua transformação. O PT é um partido operário de massa, na medida em que a hegemonia política é exercida por uma liderança operária... o PT é um espelho do amadurecimento político do proletariado; um instrumento importante na conquista de sua independência. Seu papel, sem dúvida fundamental, não pode, entretanto, ser superestimado.”¹⁸

Assim, o que para a POLOP descaracterizava o PT como o partido classista e também como o Partido Revolucionário, eram principalmente, a falta de experiência política e a existência, dentro do partido, de uma expressiva facção pequeno-burguesa, que se colocavam enquanto forças que impediam o seu amadurecimento e criavam limitações que o colocou, aos olhos da POLOP, como um movimento político e não um partido.

Apesar destes impasses colocados, a impossibilidade do PT representar o Partido Revolucionário para a POLOP era momentânea. Ainda que neste momento esta impossibilidade se apresentasse, para a POLOP o contexto contribuía para acelerar o amadurecimento político da classe operária. Isso não implicaria em “desistir” da construção deste partido, mas elaborar novas estratégias de ação que direcionassem seu desenvolvimento. Essas estratégias estariam ligadas a uma constante mobilização para uma intervenção política sistemática, inclusive de “fazer” um trabalho de formação

política dentro do partido, fazendo com que o PT encontrasse o seu verdadeiro caminho, seu papel histórico.

“... se o PT não tem condições de representar no momento o papel de uma vanguarda revolucionária, por suas próprias limitações, a Organização deve estar em condições de exercer esse papel. Isso significa atuar dentro do movimento político e sindical, com propostas de lutas avançadas, destacando-nos como liderança, mas não apenas isso. Significa atuar também no terreno ideológico, através de uma luta incessante (baseada no marxismo-leninismo) contra as correntes reformistas e revisionistas. Isso significa retomar o aspecto de nossa atividade que ficou nos últimos anos mais relegado e que a continuar desta forma, acabará por descaracterizar-nos enquanto Organização Revolucionária”¹⁹

Essa “mudança de plano” não foi vista de forma consensual dentro da POLOP, ao contrário, os documentos apontam que a adoção de novas estratégias em relação ao PT foi ponto conflitante nos debates internos da Organização.

Ainda assim, alguns encaminhamentos de ações com esse novo objetivo foram: 1) Não provocar confrontos diretos com as facções pequenos- burguesas – isso, segundo a POLOP, só a levaria a perder força dentro do partido; 2) insistir e contribuir para o reforço da liderança nacional do PT ; 3) defender e fortalecer os núcleos dentro do partido, ameaçados pela direita (para eles o grupo de pequeno-burgueses); 4) Fortalecer trabalho político nos núcleos e por fim 5) participar mais efetivamente da campanha de expansão do partido, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos – mas com a preocupação de levar o crescimento em direção a classe operária.

A documentação aponta uma constante avaliação da atuação da organização dentro do partido, um exercício de repensar o papel da Organização neste quadro. Mas, agora se impunha outro problema. A avaliação que a própria organização faz da sua atuação no partido é negativa. A participação era muitas vezes adjetivada como “fluida”, “inconstante”. A Convenção Regional do PT, em 1981, que tinha como objetivo fundar o partido no estado do Rio de Janeiro levou à disputa, na Plenária de Caxias, pela liderança do partido por diferentes núcleos (MEP, AP, PT da Luta, ALA, LIBELÚ, Convergência Socialista...). Após esse fato, e

“basicamente após a plenária, nossa atuação se tornou ainda mais distante, limitando-se a um trabalho de núcleos, e mesmo assim perdido devido a desarticulação que os núcleos apresentam, o que nos deixou na situação de possuímos poucos informes de como se desdobravam as forças dentro do Partido... É verdade que tínhamos algumas poucas articulações com grupos independentes, mas isso de pouca ajuda poderia ser, pois nos momentos de confronto estávamos desarmados de dedos e posições”²⁰

Essa declaração nos leva a pensar duas coisas: a primeira de que a POLOP, mais ainda o núcleo polopista atuante no PT, não estava articulado o suficiente para desenvolver um trabalho mais consistente dentro do partido; e outra que, talvez como consequência disto, a POLOP se encontrava num estado de isolamento, não conseguindo aglutinar forças que dessem a ela condições de disputar posições.

Podemos perceber os principais “fatores de impasses” enfrentado pela POLOP no processo de atuação dentro do PT, está relacionada a dificuldade em manter o núcleo atuante e organizado; a situação de isolamento e pouca força dentro do partido – devido ao contexto de disputas vividos pelos vários grupos que se aproximaram do PT –; ao número relativamente pequeno de militantes polopista atuante no núcleo, o que reduzia seu raio de ação - ; assim como também a dificuldade da POLOP se manter organizada fora do PT, o que refletiu na relação que ela estabeleceu com o partido. A reunião dessas diversas organizações dentro do PT acarretou uma já previsível, disputa política por maior força dentro do partido. A existência de uma fração pequeno-burguesa foi levantada pela própria organização, como questões que se puseram como obstáculos para mantê-la organizada dentro do PT, e que essas questões não estavam estritamente ligadas ao PT, mas se relacionavam também com a própria dificuldade da POLOP em se manter organizada enquanto Organização fora do PT.

O próprio espaço interno da organização se configurou como um espaço de disputa e colocações divergentes entre seus núcleos (o núcleo nacional e os demais núcleos), assim como, na própria avaliação da POLOP não conseguiam amadurecer o debate teórico, que ficava restrito praticamente ao núcleo nacional. Isso foi expresso, num documento, sem título, no que tudo indica do núcleo do Rio onde um militante da Organização expressa seu posicionamento discordando da posição da Comissão Nacional no que dizia respeito a organização de uma Conferência Regional, mas que demonstra certa instabilidade interna vivida pela Organização. Nesse documento²¹ se fazia presente queixas em relação ao método dirigente do núcleo nacional, acusando este de “dar as costas” aos problemas, já colocados, vivenciados pela Organização. Outra menção no documento é sobre uma suposta crise de coesão que a POLOP vinha enfrentando, o que aos olhos de alguns militantes não permitia definir diretrizes claras e unificadas para o trabalho político. Talvez, os “limites de coesão interna” da Organização, como questiona Oliveira²², não tenha sido suficiente para manter a POLOP firme e atuante.

A auto-reflexão, contida nos documentos, sobre as ações e problemas enfrentados internamente pela POLOP, nos permitiu apontar questões internas

conflitantes e de como essas questões refletiram nas relações que a POLOP estabeleceu com outros grupos e partidos de esquerda, dentre eles o PT. Pensar a relação POLOP /PT, é pensar sobre os problemas internos vividos pela Organização que refletiu diretamente no seu modo de intervenção política na sociedade da época, como foi, a exemplo, atuação política no Partido dos Trabalhadores. Por outro lado, é também pensar nas questões e ações conflitantes que se impuseram em espaços de disputa dentro do PT. Ambas, que não permitem serem pensadas isoladamente, podem ter contribuído para a total dissolução da Organização.

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Membro pesquisadora do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais (LABELU – UEFS). Bolsista de Iniciação Científica- FAPESB/BA.

² A pesquisa está sendo desenvolvida no LABELU (Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais) na Universidade Estadual de Feira de Santana. Contamos no Laboratório com um grupo de quatro estudantes e um professor que desenvolvem pesquisas sobre a POLOP.

³ LEAL, Leovegildo Pereira. *Política Operária: A quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira*. Dissertação de mestrado. UFF, 1992.

⁴ GOMES, Igor. *Na contramão do sentido: origens e trajetória do PT de Feira de Santana – Bahia, (1979-2000)*. Dissertação de Mestrado. UFF. Niterói, 2007.

⁵ A discussão em torno do “mito fundador” está presente em COELHO NETO, Eurelino Teixeira. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de doutorado em História pela UFF, 2005.

⁶ COELHO, Eurelino Teixeira. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de doutorado em História pela UFF, 2005.

⁷ GOMES, Igor. *Na contramão do sentido: origens e trajetória do PT de Feira de Santana – Bahia, (1979-2000)*. Dissertação de Mestrado. UFF. Niterói, 2007.

⁸ DEMIER, Felipe. *Das Lutas operárias às reformas reacionárias: uma proposta de periodização para a história do Partido dos Trabalhadores*. IN: Revista História e Luta de Classes: Trabalhadores e suas Organizações. Ano 04- Edição n 05, abril de 2008.

⁹ Documento de circulação interna da POLOP, titulado “ Como o PT deve ajudar o movimento dos trabalhadores” – sem data- Coleção Victor Meyer, em poder do LABELU. Código do documento: 9/(9)14. Maiúsculas do próprio documento.

¹⁰ LÊNIN V.I. *Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. Editora Hucitec: São Paulo, 1979.

¹¹ Documento de circulação interna. “ O PT e o Partido Revolucionário” – 1982. Escrito por Eric Sachs. Referência no acervo : [(4a)27]

¹² Há no LABELU pesquisa que tem por objeto a problematização desta relação (POLOP/classe trabalhadora).

¹³ COELHO, Eurelino Teixeira. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de doutorado em História pela UFF, 2005.

¹⁴ Idem.

¹⁵ DEMIER, Felipe. *Das Lutas operárias às reformas reacionárias: uma proposta de periodização para a história do Partido dos Trabalhadores*. IN: Revista História e Luta de Classes: Trabalhadores e suas Organizações. Ano 04- Edição n 05, abril de 2008.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Documento de circulação interna, “Nós e o PT” – 1982. Referência no acervo : [(9d) 10]

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Documento de circulação interna. “Sobre a nossa atuação no PT” – ano de 1982. Referência no acervo: [(9e) 57].

²¹ Documento de circulação interna. Sem título. Autor: Abel (militante do núcleo do Rio de Janeiro)- ano de 1979. Referência no acervo: [(4 a) 2].

²² OLIVEIRA, Joelma Alves de Oliveira. *POLOP: as origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967)*. Dissertação de Mestrado. Araraquara, 2007.